

A PESQUISA COLABORATIVA E O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Ana Teresa Silva Sousa (UFPI)
anatecass@yahoo.com.br

Maria Salonilde Ferreira (UFRN)
olaspraia@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa colaborativa, no âmbito da educação, tem como princípio fundamental a colaboração, a reflexão e a formação como eixo de sua estruturação. Sua ação, requer o envolvimento dos professores (universidade/escola), colocando como desafio, por um lado, pesquisar colaborativamente determinada prática educativa para melhorar ou transformar dada realidade objeto de estudo e, por outro, considerar as condições em que o trabalho docente é realizado, implicando atividade de coprodução de conhecimentos sobre a teoria e a prática escolar.

Para pesquisar colaborativamente, é preciso que todos os partícipes envolvidos no processo aprendam a colaborar de forma coletiva e a adesão tem que ocorrer de forma volitiva e consciente, pois cada um dos implicados terá vez e voz na construção do objeto de estudo, sem necessariamente participar de todas as etapas da pesquisa para as quais não foram formados, podendo a sua participação ser incluída caso o docente tenha o objetivo de aprimorar a sua formação como pesquisador. (DESGAGNÉ, 1998).

Essa possibilidade de formação para a pesquisa permeia todo o processo porque os docentes, ao refletirem sobre o seu agir profissional em contexto colaborativo, sentem-se instigados em aprofundar estudos para compreender e melhorar a prática profissional.

Entendendo que colaborar não é algo fácil, mas um exercício que deve ser aprendido deliberativamente de forma consciente pelos pesquisadores envolvidos no processo, torna-se evidente conhecer quais os requisitos prévios necessários para se efetivar a prática colaborativa no contexto da investigação. Sobre esses requisitos, Arnal, Del Rincón e Latorre (1992)¹ chamam a atenção para os seguintes questionamentos: O que é colaborar? Quais as implicações dessa prática? Quais os custos? Quais os seus riscos e benefícios?

Nesse caso, vale lembrar o significado do termo colaboração no campo específico de investigação, o qual possibilita aos professores das universidades e das escolas refletirem sobre o próprio trabalho como algo que ocorre antes, durante e depois do processo formal de pesquisa. Para Ferreira (2007), a palavra colaboração é originada do latim *collaborare* e significa trabalhar na mesma obra, o que abrange os sentidos de trabalho em comum, participação e contribuição.

Para Kemmis, citado por Ibiapina (2004, p. 41), a colaboração

[...] significa tomada de decisões democráticas e ação comum, a comunicação entre os investigadores e os agentes sociais no sentido de chegarem a um acordo quanto as suas percepções e princípios. É uma atividade cultural em que as ações pessoais e as interpessoais se entrecruzam para a construção mediada de conhecimentos, habilidades e atitudes.

Nesse sentido, a colaboração não pode ser confundida com cooperação, que significa ajuda passageira ou momentânea em dada realidade circundante para resolver um problema imediato sem maior envolvimento dos professores. Na colaboração, a participação torna-se ativa, consciente e deliberada em cada decisão, ação, análise ou reflexão realizada. “A colaboração, mais que uma estratégia de gestão, é filosofia de trabalho”. (IMBERNÓN, 2006, p. 81). Em estudo empreendido em colaboração, a natureza dessa participação é o que faz a diferença, pois cada um dos partícipes envolvidos torna-se usuário e coconstrutor do processo de pesquisa.

Destarte, as condições históricas em que a colaboração ocorre deverão ser mediadas pela linguagem, em busca de sentidos e significados para as ações realizadas pelos professores acerca dos problemas escolares que o cotidiano lhes impõe. No processo de colaboração, a construção partilhada do conhecimento permite o confronto das diferentes perspectivas de interpretação como forma de instauração do diálogo, sem perder de vista os conflitos e contradições que lhe são peculiares.

Desgagné (1998) afirma que a colaboração consiste em um processo de mediação e negociação constante, visando a um projeto comum a ser negociado e realizado. Para o autor, o conceito de colaboração na perspectiva da pesquisa deve ser construído sobre dupla identidade: pesquisa e formação. Decerto, essa dupla finalidade constitui-se em uma das preocupações do pesquisador no trabalho a ser desenvolvido para, a partir dos interesses mobilizados pelos docentes, engajá-los em um projeto de formação contínua.

De modo geral, o trabalho colaborativo, além de contribuir para o desenvolvimento profissional dos professores, no âmbito da ação docente, envolve, conforme Magalhães (2002, p. 10), “[...] as representações dos participantes sobre suas identidades, papéis e domínio do conhecimento em um contexto particular e, portanto, questão de poder, de quem fala em nome de quem e de quem é o dono do saber”. A autora acrescenta que para se colaborar em contexto de pesquisa, sala de aula e em processo de formação faz-se necessário que os envolvidos ajam no sentido de demonstrar, questionar e tornar seus pontos de vista claros para si e para os outros, recolocando o que foi posto em negociação, o que implica uma compreensão mais crítica da realidade.

Além do exposto, a vivência desse tipo de trabalho legitima o conhecimento prático dos professores, uma vez que eles aprendem a partir da percepção de si mesmos como profissionais a romper com práticas que não possibilitem ampliar o conhecimento e a

compreensão da realidade escolar na perspectiva de sua transformação.

Dessa forma, para construir a necessária parceria colaborativa entre universidade e escola que avance na produção do conhecimento e transformação da prática torna-se necessário que os colaboradores assumam com o pesquisador as responsabilidades negociadas em relação ao objeto de estudo, transformando-o em projeto compartilhado.

A perspectiva adotada neste estudo realizado em colaboração com um grupo de professoras foi norteada por um objetivo comum, pressupondo partilha e responsabilidades em relação dialética em que as atividades atribuídas no grupo – resultantes de constantes negociações, reflexão, envolvimento, apropriação e pertença – contribuirão para a aplicação do conhecimento elaborado coletivamente, ressignificando a teoria e a prática e melhorando as práticas educativas das partícipes nos níveis de ensino em que atuam.

Nesta pesquisa, a parceria colaborativa é mediatizada pela reflexão crítica o que faz com que as necessidades de desenvolvimento profissional e do avanço de conhecimento no domínio da pesquisa e da formação docente possam ser atendidas.

Nesse sentido, o trabalho objetiva analisar a prática docente de uma professora do Ensino Fundamental que atua na Rede de Ensino Pública Municipal, no sentido de apreender as interrelações entre a prática docente e o conceito prévio de docência.

O foco metodológico

Nesse estudo, buscamos uma abordagem teórico-metodológica que atendesse aos objetivos que nos propomos, optando pela abordagem colaborativa.

A abordagem colaborativa foi escolhida por responder, como apontado anteriormente, as necessidades de formação e desenvolvimento profissional dos professores, melhoria das práticas docentes, propiciada por processo de reflexão, formação contínua e pesquisa.

Nesta modalidade de pesquisa, como já foi destacado, há um envolvimento consciente dos sujeitos para com as ações a serem realizadas como também nas decisões a serem tomadas. Constitui-se em um recurso exequível capaz de fornecer uma abordagem inteligível em relação à melhoria da prática educativa e o desenvolvimento profissional dos professores por meio de um processo crítico de auto-reflexão.

Tomando como base os princípios norteadores da pesquisa colaborativa, utilizamos como procedimento metodológico a observação colaborativa por considerar o mais adequado aos objetivos propostos.

O trabalho é recorte do estudo realizado com três professoras de Escolas Públicas de Natal/RN, iniciado no ano letivo de 2008, e uma professora da Universidade Federal do Piauí.

O lócus da pesquisa

Para realização deste estudo, o contexto empírico da pesquisa se constitui das seguintes escolas: Escola Municipal Professor Zuza, localizada na rua Miguel Castro s/n, no Bairro de Nazaré; Escola Municipal Professor Ulisses de Góis, situada na rua Raimundo Brasil s/n; Escola Municipal Professor Arnaldo Monteiro, localizada na rua Araciúba s/n, no conjunto Pirangi.

No que se refere a esta investigação, três professoras das referidas escolas (uma de cada escola) passaram a constituir o grupo de partícipes. A escolha se deveu ao fato de terem demonstrado interesse em estudar e refletir sobre aspectos importantes para o desenvolvimento de suas práticas docentes.

Posteriormente, discutimos acerca de como seria a nossa identificação, como deveríamos nos chamar, preservaríamos o nosso nome ou manteríamos o anonimato? Então, em comum acordo, optamos e elegemos que seríamos identificadas pelo nome de um ser marítimo. Essa escolha implicou justificativa que expressasse o porquê e os aspectos de identificação com esses seres. Assim, passaríamos a nos chamar pelos pseudônimos: Estrela do Mar, Alga Marinha, Sereia do Mar, Água Viva.

Feitas essas considerações, elaboramos um cronograma de trabalho da primeira etapa da pesquisa contendo as informações dos encontros a serem realizados e entregamos para cada partícipe individualmente.

Nesse cronograma, estava definido o local escolhido para a realização dos estudos, o qual foi em uma sala da base de pesquisa *Currículo, Saberes e Prática Educativa*, no Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). As observações foram gravadas em MP4 e transcritas integralmente.

O período de realização se constituiria em encontros quinzenais com duração flexível, conforme as exigências da pesquisa. O cronograma contemplou, além das informações acima, a definição dos procedimentos a serem adotados na continuidade do trabalho.

Refletindo a prática docente de Alga Marinha

Considerar a docência como atividade que se concretiza no contexto escolar,

especificamente na sala de aula, é entender que a ação desenvolvida pelas partícipes deste estudo adquire singularidade própria, decorrente de suas formações profissionais, condições pessoais e do contexto onde atuam.

Admitindo que essa atividade é rica em possibilidades e que a teoria revigora-se na prática, engendrando novas práticas e teorias, cujo imbricamento se dá nessa relação, passaremos analisar a prática docente efetivada por uma das partícipes, identificada com o pseudônimo de Alga Marinha antes dos estudos realizados nos Ciclos de Estudos Reflexivos, destacando seus avanços e recuos.

A primeira observação da aula de Alga Marinha ocorreu no dia 16 de março de 2009 na Escola Municipal Professor Zuza, situada na rua Miguel Castro no Bairro de Nazaré, com duração em média de duas horas.

Trata-se de uma turma de 6º ano composto de 21 alunos na faixa etária de 10 a 14 anos, sendo que 6 estão repetindo esse ano de escolaridade.

Nesse dia, chegamos à sala de aula e nos apresentamos à turma, pedimos permissão para realizar a observação da aula e explicamos o objetivo a que nos propúnhamos com essa observação.

Em seguida, fomos recebidas por Alga Marinha e pelos alunos com uma calorosa música de boa tarde. Vejamos como se efetivou esse momento:

Sereia do Mar – Boa tarde.

Alunos – Boa tarde.

Sereia do Mar – Meu nome é [...] peço permissão a vocês pra fazer parte dessa aula com vocês, ok?

Alga Marinha – E aí como [...] está chegando eu vou dar boa tarde e nós vamos cantar a musiquinha pra ela, vocês lembram?

Alunos – Lembramos.

Alga Marinha – Um, dois, três, já.

Alunos – Você está chegando. Bem-vinda, seja bem-vinda. Só estava faltando você aqui. Só estava faltando você aqui. Só estava faltando você aqui. Bem-vinda, seja bem-vinda. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Após a música de boas-vindas, Alga Marinha explicou aos alunos o motivo da nossa presença na sala de aula, conforme os enunciados que seguem:

Aluno – Ela é do jornal, é?

Alga Marinha – Não, ela é professora também e está fazendo uma pesquisa colaborativa. Ela está colaborando com os nossos ensinamentos, com as nossas aprendizagens e também verificando como vai ser a aula de hoje. Bom, e aí a gente vai começar. Pode ser? (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Alga Marinha iniciou a aula fazendo revisão do conteúdo “comunicação”, tema já discutido em aulas anteriores. Nesse processo, ela vai estabelecendo um diálogo e fazendo a relação entre comunicação, interação, tipos de linguagem (verbal, não verbal, mista), como forma de retomar e expandir o conteúdo. Para isso, vejamos como se deu esse processo:

Alga Marinha – Muito bem. Então nós vamos revisar o assunto comunicação, pra poder a gente começar hoje, tá? Que eu tenho outra novidade. Além disso, nós vimos que dentro de comunicação nós trabalhamos com quê? Com a linguagem, né? Que mais? Linguagem, interação, eu falei sobre interação, lembram? Bom, então vamos conversar um pouco sobre isso aí, tá certo? Muito bem, quem lembra, quem me diz, quem sabe, vamos lá?

Um Aluno – O quê?

Alga Marinha – Comunicação, o que é comunicar? Quem vai...

Uma Aluna – Falar de um pra o outro.

Alga Marinha – Falar de um pra o outro. Que mais?

Outro Aluno – Entender o que o outro...

Alga Marinha – Entender o que o outro fala. Que mais?

Outro Aluno – Trocar ideias.

Alga Marinha – Trocar ideias, valeu. Que mais?

Outra Aluna – Responder o outro.

Alga Marinha – Responder também ao outro, saber fazer silêncio, né? Tem mais alguma coisa?

Outra Aluna – Observar o que ele fala.

Alga Marinha – O quê?

Outro Aluno – Educação.

Alga Marinha – Ensinar as tarefas uns aos outros. É isso mesmo a gente tem que ser companheiro nesse sentido de que quando alguém não entender o dever pode até dar uma ajuda explicando, né? Isso não faz mal a ninguém. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Para revisar que a comunicação se efetiva mediada pela linguagem, Alga Marinha recolocou algumas questões, como podemos constatar no diálogo abaixo:

Alga Marinha – Então, olha só, vocês lembram que nós falamos também na aula passada pra gente interagir com o outro, ou seja, pra gente se comunicar com o outro, a gente precisa de usar alguns meios, né? Usar algumas linguagens, lembra que a gente falou sobre isso? O que foi que nós falamos sobre linguagem? Quem lembra?

Uma Aluna – Modos de linguagem.

Alga Marinha – Os tipos de linguagem, sabem lá alguma coisa quem...

Outra Aluna – Linguagem verbal, não verbal e mista.

Alga Marinha – Olha só, ela sabe tudo, oh! Parabéns! Linguagem verbal...

Alunos – Não verbal e mista.

Alga Marinha – Então quem quer me explicar o que é linguagem verbal?

Uma Aluna – É a unidade de palavras.

Alga Marinha – Muito bem. Vocês concordam com ela? A linguagem verbal é quando nós...

Um Aluno – Letras. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

A partir da resposta do aluno, Alga Marinha revisa a concepção de linguagem escrita e questiona sobre outras modalidades.

Alga Marinha – Mas a linguagem verbal também se usa através da nossa fala, né? E qual foi o outro tipo de linguagem que a gente viu?

Uma Aluna – Não verbal.

Alga Marinha – Não verbal. Então qual é a linguagem não verbal? É o quê? Unidade diferente, não é isso? Eu vou escrever.

Outra Aluna – Unidade diferente da palavra.

Alga Marinha – Diferente da palavra. Agora eu quero saber, assim, se é diferente da palavra que tipo de linguagem não verbal a gente pode ter no nosso dia a dia.

Alunos – Gestos.

Alga Marinha – Gestos. Muito bem, gestos.

Aluna – Sinais, imagens.

Um Aluno – O sinal de trânsito.

Alga Marinha – Então, aquela é a linguagem para as pessoas que são cegas, um código que eles podem ler. Existem livros, então a quantidade de pontinhos também equivale a letras do alfabeto, né? E ainda existe a linguagem das pessoas que não podem ouvir, né? Que nós chamamos de quê? Libras, linguagem de sinais?

Uma Aluna – Eu sei mais ou menos, que eu falo com um. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Alga Marinha sintetiza a revisão ressaltando que a comunicação requer o uso das linguagens verbal, não verbal, como também das duas: a linguagem mista.

Como vimos, a revisão do conteúdo se fez por meio de um diálogo mediado por questões relacionadas ao que foi estudado em aulas anteriores, fato que fez a maioria dos alunos repetirem e/ou responderem o que Alga Marinha perguntava.

O fato de os alunos se envolverem nas discussões, participarem ativamente, interagirem com Alga Marinha, denota que a relação professor/aluno é interativa, cujo sentido da própria atividade se completa com o sentido aprendido sobre o tema foco da aula.

Os alunos, atentos às ações propostas pela referida partícipe, foram motivados a executar a tarefa relacionada ao tema comunicação como forma de fixar a aprendizagem. O exercício proposto por Alga Marinha fazia parte do segundo momento da aula, de forma que ela entregou para cada aluno folhas xerografadas contendo duas modalidades de linguagem e explicou que iria explorá-las oralmente. Fez alguns questionamentos no sentido de verificar qual aspecto da comunicação os alunos tinham acerca do conteúdo que iriam estudar.

Alga Marinha – Muito bem minha gente, nós falamos sobre comunicação, interação, tipo de linguagem, linguagem verbal, linguagem não verbal, linguagem mista. E aí o que a gente entende por esse título. Sem olhar ainda o que está escrito aí. Interlocutores parceiros na interação. A gente viu que interagir é entrar em contato com o outro. E aí que é ser parceiro na interação? Quem vai me responder? O que é ser parceiro?

Aluna – É participar do que o outro faz. Companheiro de interação.

Alga Marinha – Estão interagindo, estão se comunicando, não é isso?

Aluna – É. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Nesse processo, ela pediu para os alunos iniciarem a leitura do texto e intercalou com questões e explicações.

Alga Marinha – Então vamos ler. Um, dois, três, já. Todo mundo junto.
Alunos – Interlocutores são as pessoas que participam do processo de interação por meio da linguagem.
Alga Marinha – Parou. Então você tem aí o quê? Interlocutores são as pessoas que participam no processo de interação por meio de quê? Da linguagem. Continue a leitura.
Alunos – A pessoa que emite a mensagem é o locutor, a pessoa que recebe a mensagem é o emissor.
Alga Marinha – Então nós não estamos sendo parceiros não. Por exemplo, quando é que a gente consegue ser parceiro? (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Em seguida, iniciou a sistematização retomando ideias de aulas anteriores acerca das linguagens verbal e não verbal.

Alga Marinha – Muito bem. Então hoje, agora, a gente vai falar sobre interlocutores, tá certo? Os interlocutores são as pessoas que participam de quê?
Um Aluno – Do processo de interação.
Alga Marinha – É o que é participar do processo de interação?
Uma Aluna – A pessoa que envia mensagem pro outro, aí a pessoa recebe a mensagem.
Uma Aluna – E a senhora mandou pra ela.
Alga Marinha – Então nós duas somos interlocutoras, ou seja, nós duas conversamos, falamos, interagimos, entenderam? Ora eu falo, ora vocês falam. Nós somos interlocutores?
Um Aluno – Igual o... como é? O MSN, a gente vai falando um pro outro.
Alga Marinha – Tá vendo só? Uma ideia.
Alga Marinha – Excelente o seu exemplo. Vamos escutar. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Continuando o processo de sistematização, propôs aos alunos que observassem as imagens projetadas nos *slides* e discorressem sobre o que viam. Os enunciados que se seguem mostram como transcorreu a realização dessa tarefa:

Alga Marinha – Muito bem. Nós vamos trabalhar, vamos observar que a comunicação, ela é feita através da linguagem, através da nossa ação, da nossa interação, então a gente vive num mundo de imagens e palavras, o que vocês veem aí? Quem vai falar? Levanta o braço.
Aluno – To vendo um texto.
Alga Marinha – Um texto. Pronto, e ali ao redor você vê símbolos, né? De quê? De meios de...
Alunos – Comunicação.
Outro Aluno – Jornal...
Alga Marinha – A roupa que é da internet, computadores em rede, a máquina filmadora, CD, fitas que já não se usa quase, né?
Uma Aluna – Professora, é uma linguagem mista. Uma linguagem mista, muito bem. Vamos, outra coisa. Que é que está escrito aí, que é que vocês viram.
Alunos – Uma forma de interagir... [Inaudível]. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

A partícipe, ao perceber um erro ortográfico de uma palavra, comentou com os alunos, prosseguindo:

Alga Marinha – Não, né? Leiam a frase de baixo que dá pra entender.

Alunos – A linguagem é um meio de comunicação e interação entre as pessoas.

Uma Aluna – Aí essa linguagem é verbal.

Alga Marinha – O que é que nós aprendemos sobre linguagem verbal? As pessoas quando estão usando a linguagem verbal ou elas estão usando a escrita ou então a...

Outra Aluna – Fala.

Alga Marinha – A fala. Mas na realidade nessa imagem eles tão usando fala, gesto já se tornou o quê? A linguagem mista, né? Muito bem. Oi?

Alunos – Escrita ou falada. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Assim, por meio de questionamentos, a partícipe continuou explorando o conteúdo centrando a discussão nas formas de interação, tipos de linguagens (verbal, não verbal e mista), ou seja, as diferentes maneiras que as pessoas utilizam para se comunicar.

Nesse processo, as imagens projetadas na tela ilustravam as diversas formas de comunicação e interação, quais sejam: a intenção do juiz no jogo de futebol quando apresenta cartão vermelho ao jogador, a dança das bailarinas, as placas de trânsito na organização do movimento de pedestres e motoristas, as estátuas, as orquestras, as obras de arte, as esculturas, a leitura em braile, as histórias em quadrinhos, o código Morse. Para finalizar essa tarefa, Alga Marinha apresentou como exemplo a imagem de um pai e de um filho e foi explicando o significado de interlocutores, parceiros na comunicação e interação (locutor e locutário).

Para verificar o que os alunos aprenderam e o que sentiram em relação à aula, Alga Marinha colocou algumas questões:

Alga Marinha – Agora pra finalizar, deixa eu só fazer uma perguntinha pra vocês verem o resultado hoje se a gente conseguiu fixar o assunto, né? Se a aula foi boa, se não foi. Eu gostaria que dois meninos e duas meninas me falassem aqui porque isso é importante. O que é que você achou da aula de hoje?

Um Aluno – Eu achei muito bom porque eu dei exemplos de linguagens, comunicação.

Outro Aluno – É bom porque eu aprendi muito sobre linguagem.

Alga Marinha – Aprendeu sobre linguagem? Muito bem. Deixa-me ver, você.

Alga Marinha – Foi muito educativa? Muito bem. O que é que você achou da aula de hoje.

Outra Aluna – Achei legal por causa das imagens e também dos... é legal a gente ler todo mundo junto.

Outro Aluno – Sobre a comunicação dos códigos. Código Morse e de Libras. (*Extrait* da aula do dia 16 de março de 2009).

Essas explicações, com base em generalizações das ações praticadas pela partícipe no decurso de sua aula, compõem as formas de agir e entender como foram sistematizadas as reflexões que realizou sobre o conteúdo e suas diversas modalidades de interação.

Em síntese, Alga Marinha do início ao final da aula utilizou linguagem clara para expor o conteúdo, conseguiu por meio de questionamentos que os alunos participassem ativamente da aula sem impor sua autoridade intelectual, fato comprovado no decurso dessa descrição.

Conforme o exposto, a prática docente da partícipe no que concerne às categorias que elegemos para analisar as ações em sala de aula apresenta características de repetição, como, por exemplo, a predominância da pergunta *versus* resposta, seja como forma de comprovar o estudado em aulas anteriores, seja nos momentos de sistematização do conteúdo e de verificação da aprendizagem.

Efetivou uma reflexão centrada no conteúdo, tanto quando retoma o que foi ensinado anteriormente quanto ao fazer a sondagem do conhecimento prévio dos alunos, ou quando introduz novo conhecimento, caracterizando-se como reflexão técnica. “A preocupação está, portanto, na apresentação ou exemplificação de conceitos e na apropriação desses conceitos para uso prático”. (LIBERALI, 2008, p. 33).

Mesmo, não havendo a expansão das respostas dadas pelos alunos em termos de maior aprofundamento do conhecimento, instaurou-se um diálogo predominando alteridade, o respeito mútuo e a cordialidade.

As explicações de Bakhtin (2002, p. 124) nos ajudam a compreender a prática docente de Alga Marinha no que se refere ao ensino-aprendizagem do conteúdo, considerando o que ressalta o autor sobre a teoria da interação verbal e os elos que se estabelecem com as diversas formas de comunicação. Destaca ele:

A comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. A comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce com eles sobre o terreno comum da situação de produção. Não se pode, evidentemente, isolar a comunicação verbal dessa comunicação global em perpétua evolução. Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gesto do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.

Esse fato é comprovado também em relação à discussão sobre interlocutores e à importância da palavra nesse contexto, como afirma Bakhtin (2002, p. 113, grifo do autor).

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão *a um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Cabe ainda ressaltarmos a importância do grau de participação dos alunos nessa aula, do envolvimento deles com o tema, alcançando um nível de conhecimento desejável, assim como colaborando nas ações e no fazer de Alga Marinha.

Apesar de ter surgido situações que permitissem essa partícipe inserir o processo de aprendizagem em contexto histórico-social mais amplo, ela não explorou a contento essas situações como fica evidenciado no *excerpt* a seguir:

Alga Marinha – É possível a gente viver sozinho?
Alunos – Não.
Alga Marinha – Não?
Aluno – É.
Alga Marinha – É? Quem é que vive sozinho nesse mundo?
Aluno – Ninguém.
Alga Marinha – Ninguém?
Aluno – Mendigo.
Alga Marinha – Pedir perdão, pedir desculpa. Isso aí é uma forma de comunicação?
Alunos – É (*Excerpt* da aula do dia 16 de março de 2009).

Na realidade, houve espaço e possibilidade para o efetivo desenvolvimento de uma prática docente reflexiva crítica, emancipatória, que promovesse a ruptura e/ou aprofundamento do conhecimento e maior compreensão do contexto onde os alunos estão inseridos.

Dada as características evidenciadas, consideramos a sua prática docente heterogênea porque apresenta, por um lado, elementos da prática repetitiva e, por outro, da prática docente reflexiva na modalidade técnica.

Tendo em vista os aspectos abordados na análise interpretativa da prática docente de Alga Marinha, podemos inferir que sua forma de ser e agir, especificamente nessa aula, tem estreita relação e está alicerçada em seu conceito prévio de professor apresentado no início deste estudo, evidenciado como caracterização. Como explicitado anteriormente, não reflete os indícios substanciais do conceito científico, uma vez que não faz referência ao seu atributo mais geral, considerando que o professor tem como função mediar a aprendizagem do aluno, privilegiando conteúdos, a busca do saber.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A visão inicial que tem de docência justificou o ser professora em Alga Marinha e os motivos de suas ações, como já citamos, pois, para ela, “a docência é o conjunto de competências e habilidades que permeiam o fazer pedagógico de um professor”.

A tomada de consciência para o exercício da docência como atividade inclui multiplicidades de características presentes no conceito de docência na sua essencialidade científica, nem sempre evidente na ação da maioria dos professores devido à ausência de formação voltado para elaboração de conceitos. Esse fato por si só justifica compreendermos a prática docente de Alga Marinha não ter atingido o estágio da prática docente reflexiva crítica em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

DESGAGNÉ, S. Reflexões sobre o conceito de pesquisa colaborativa. Tradução livre Adir Luiz Ferreira. Natal – RN, nov. 2003, do original em Francês: **Réflexions sur le concept de recherche collaborative**. Lês Journées du Cirade. Centre Interdisciplinaire de Recherche sur Apperntissag et le Développement em Éducation, Université du Québec à Montreal, p. 31 – 46, oct. 1998.

FERREIRA, M. S. O continuum pesquisa/colaboração. In: COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 1., Natal. **Anais...** Natal: PPGEL, 2007a. 1 CD ROM. 6 p.

IBIAPINA, I. M. L. de M. **Docência universitária**: um romance construído na reflexão dialógica. 2004. 393f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LIBERALI, F. C. **Formação crítica de educadores**: questões fundamentais. Taubaté: Cabral, 2008.

MAGALHÃES, M. C. C. Sessões reflexivas como ferramenta aos professores para a compreensão crítica das ações de sala de aula. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE INTERNACIONAL PARA PESQUISA CULTURA E TEORIA DA ATIVIDADE, 5., Amsterdã. **Anais...** Amsterdã: VRIJE Universiteit, 2002.

¹ Tradução livre de Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina feita em outubro de 2002 para estudo.